

FEIRA DINÂMICA

*** Roberto Rodrigues**

Terminou no dia 1º de maio a 22ª Agrishow, a maior Feira Dinâmica do agronegócio em toda a América Latina. E terminou com um certo travo amargo para seus organizadores e expositores, muitos dos quais deixam para fazer lançamentos de novos produtos e tecnologias inovadoras exatamente nessa Feira, por ser ela uma relevante vitrine do que há de mais revolucionário em máquinas, equipamentos e insumos em geral.

Porque um travo amargo? Porque o faturamento deste ano de 2014 foi menos de 70% do que foi o do ano passado! É, sem dúvida, um dado impactante, sobretudo porque outras feiras dinâmicas realizadas no sul do país – em Cascavel/PR e em Não-me-Toque/RS – foram maiores este ano do que em 2014. Não é difícil explicar o sucesso destes dois importantes eventos: no sul do Brasil o tempo correu maravilhosamente bem, as principais colheitas tiveram produtividade recorde, os preços – beneficiados pelo câmbio que desvalorizou o real – foram remuneradores, de modo que os produtores em geral tiveram excelente faturamento. E, como sempre acontece nestas circunstâncias, correram para as feiras em sua região para comprar tecnologias embutidas em todo tipo de equipamento, exatamente para produzir ainda mais e melhor no futuro, de forma mais sustentável e competitiva. Porque este é o espírito do produtor rural brasileiro: avançar sempre, estar permanentemente na fronteira do conhecimento e na vanguarda de tecnologia e de gestão. Só assim podem seguir na atividade, colocando também o Brasil na liderança dos mercados globais.

Ora, então o que aconteceu em Ribeirão Preto? O que mudou tanto em relação ao sul que produziu esta enorme redução de vendas da Agrishow?

Bem, Ribeirão Preto é uma espécie de capital do agronegócio, especialmente no sudeste. E esta região tem forte influência das culturas de cana-de-açúcar e laranja, além das culturas anuais tradicionais na região e do próprio café. E choveu muito pouco na região, pouco mais da metade das médias anuais.

Estas culturas – cana e laranja – tem sido as mais afetadas por problemas estruturais de difícil solução. A questão da laranja vai ser resolvida pela dor, quando a oferta e a demanda se equilibrarem, o que deve acontecer nos próximos meses. Mas as perdas que seus produtores sofreram foram brutais, e nem todos conseguirão superar esta dura fase.

No caso de cana-de-açúcar, o efeito das políticas públicas federais dos últimos 3 ou 4 anos foi igualmente destruidora. Ao combater a inflação controlando o preço da gasolina, o governo conseguiu desarranjar simultaneamente o setor da agroenergia e a Petrobras. Com oferta grande de açúcar no mercado global, os preços internacionais também ficaram baixos, assim como os do etanol internamente. E, para completar, a seca impiedosa do ano passado reduziu a produtividade agrícola. Com usinas apertadas, os fornecedores de cana seguem na pior, e o setor deixou de investir, com reflexos diretos na Agrishow. Duas medidas tomadas este ano – a volta da CIDE e o aumento da mistura do álcool na gasolina – foram positivos, mas não resolveram a

crise profunda que o setor vive. Novas medidas são necessárias, e talvez aconteçam, mas o efeito na Agrishow já foi.

Mesmo café, cuja produtividade também foi afetada pela seca, não anima a investimentos, embora os preços compensem parte das perdas agrícolas.

E por fim, a baixa produtividade dos grãos – fato sentido no triângulo mineiro e no sudoeste de Goiás, refletindo negativamente na Feira de Campo em Rio Verde, igualmente menor que no ano passado – jogou para baixo o entusiasmo dos produtores rurais.

Os horizontes do ajuste fiscal, com crédito mais caro e mais seletivo, com maior tributação e custos mais altos formam um conjunto que assombra o setor.

Já vivemos isso antes, e sabemos como termina. Não é por outra razão que a Agrishow foi menor: todo mundo está apertando o cinto porque as margens em 2016 serão estreitas, quando não nulas.

Agricultura é isso mesmo: tem safras boas e safras ruins, tem ano que chove e ano de seca. A sabedoria está em poupar nos anos bons para atravessar os ruins.

Assim como os produtores não desistem e seguem produzindo sempre, assim também deve se comportar o pessoal que faz a Agrishow, seus promotores e expositores: este foi um ano ruim. Mas as coisas sempre serão melhores no futuro.

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio